

## **A epistemologia da educação tradicional na visão de Lois Gabriel Ambroise de Bonald (1754-1840): alguns aspectos essenciais para o ensino geral atual**

*Sílvia Firmo do Nascimento* - IPTAN

Doutor em Filosofia – Universidade Gama Filho/RJ

Fone: (32)3374-2063

E-mail: [silviofirmodonascimento@gmail.com](mailto:silviofirmodonascimento@gmail.com)

Data da recepção: 30/08/2007

Data da aprovação: 08/11/2007

**Resumo:** Este artigo trata da epistemologia da ciência da educação tradicional na visão de Bonald. Postula a educação que se baseia na luz divina revelada no princípio da vida humana e transmitida pela sociedade na história. A educação dá-se pela linguagem oral e escrita na sociedade. Perante os novos ideais propostos pela Revolução Francesa, o tradicionalismo surge como um sistema filosófico que visa salvaguardar a cultura milenar européia. O século XIX foi fecundo para o surgimento das ciências em decorrência do Iluminismo do século anterior. A essência dessa linha de pensamento pode ser formulada assim: é necessária uma revelação para que o homem possa chegar ao conhecimento das verdades fundamentais de ordem metafísica, moral e social. A transmissão (“tradio”) dessas verdades é vital à sociedade humana.

**Palavras-chave:** tradicionalismo - revelação - inatismo – linguagem - educação.

### **Introdução**

Este artigo trata da epistemologia da ciência da educação tradicional na visão de Bonald. A partir da tentativa de definição do tradicionalismo traz as principais características da educação tradicional proposta por Bonald que são: a revelação primordial divina, a “reminiscência virtual”, o método histórico e a linguagem humana. Em síntese, a educação dá-se pela transmissão (“tradio”) dessas verdades vistas como vitais à sociedade humana.

### **A tentativa de definir o tradicionalismo**

O tradicionalismo é um sistema filosófico formalizado por ocasião da Revolução Francesa, tendo como objetivo salvaguardar as tradições civis e religiosas milenares do “Ancien Regime” que poderiam ser perdidas devido aos ideais novos de tal revolução, como a liberdade, a fraternidade, a igualdade e segurança. Vem do termo “tradio”, que significa transmissão ou tradição. Compreendemos bem o tradicionalismo quando analisamos a sua epistemologia, isto é, quando entendemos o processo de conhecimento do homem. Em se tratando de epistemologia tradicionalista, podemos dizer que:

A essência do tradicionalismo se formula na necessidade de uma revelação primordial para que o homem possa compreender as verdades fundamentais de ordem metafísica, moral e social. O homem tem a necessidade da revelação primitiva para conhecer que Deus existe, que o mundo foi criado, que a alma é imortal e que existe uma lei moral para regular o comportamento humano (RAULICA, 1856, p. 23).

Pressupomos que houve uma revelação das verdades fundamentais por parte de Deus aos primeiros homens e dispondo-os da tradição e da linguagem para expandir por toda parte e por toda a história as suas leis, o patrimônio inalienável do gênero humano. Deus deu ao homem as leis porque é providente, é providente, é bom e é onipotente. Conseqüentemente, as leis sociais podem ser praticadas por todos inalteravelmente em toda a história, e o seu conhecimento jamais será destruído na face da terra (RAULICA, 1856, p. 26).

A razão humana individual não pode ter acesso às verdades essenciais de ordem metafísica, intelectual e moral. A razão individual não foi capaz de inventar as verdades fundamentais, apenas as desenvolveu, as demonstrou e as explicou mediante o ensino doméstico e público. Só a razão social pode conhecê-las por meio da tradição. Essas verdades, consideradas indispensáveis à vida humana, foram colocadas por Deus à disposição do homem para que conhecesse o seu Criador, tivesse a vida espiritual, tivesse livre-arbítrio e fosse imortal. É o que São Tomás de Aquino denomina de “preâmbulos da fé” (“preambula ad fidem”) (RAULICA, p. 26-27).

Raulica (1854, p. 118-125) afirma que:

A verdade filosófica deve, é verdade, partir da ordem da fé para a ordem das concepções, e não vice-versa. Para tal, tem de confirmar, ampliar, demonstrar e entender todos os meios, os que são inteligíveis, as verdades sobre a religião, o senso comum, a tradição e a razão universal (...). O tradicionalismo coincide com São Tomás ao colocar os dois instantes da fé e do raciocínio, do crer e do raciocinar.

Os primeiros homens receberam esse ensinamento de Deus através da revelação que, para Laforêt, é natural, para E. Lonay, é natural no objeto e sobrenatural na maneira de adquiri-la por parte do homem, e para Ubaghs, é simultaneamente natural e sobrenatural. Em todos eles, o que fica claro é a necessidade de uma revelação primeira para a consecução das verdades fundamentais, a qual é transmitida para as gerações posteriores através da tradição, que é a fonte e o princípio da idéia de certeza. É necessário começar a filosofar pelo “eu creio” (BONALD,

1856, p. 114).

Vemos, então, que o tradicionalismo exposto por Bonald, à semelhança dos demais tradicionalistas, elabora o conceito de tradição e faz dele a fonte e o critério de verdade, oposto ao conceito iluminístico da razão individual, ao conceito baconiano de experiência e ao cartesiano de cogito. Dessa maneira, o princípio da razão individual é fonte de incerteza e de erro, conduzindo fatalmente ao ceticismo. Perante a incapacidade incontestada da razão individual, a tradição identificada com o complexo de verdades reveladas por Deus é evocada como o único critério objetivo e infalível da educação humana. Ao contrário do erro sem precedentes, a verdade existe desde o princípio. Podemos constatar essa verdade na tradição milenar do Cristianismo, por exemplo. A sua educação é fácil de ser analisada e interpretada pelos bons costumes articulados com as leis da sociedade cristã ocidental. Diante dessas premissas, fica justificada a submissão da razão individual à razão universal no julgamento de toda realidade. A verdade não vem da invenção ou criatividade da razão individual, mas da tradição na história. A confiança no testemunho precede e fundamenta toda educação humana filosófica e científica (BONALD, 1856, p. 3).

Assim, a razão pura, ou racionalismo, própria da educação preconizada pela Revolução Francesa é insuficiente para conduzir o homem à certeza de que só pode ser conseguida com o aval da autoridade maior e da razão geral. Para que a educação possua crédito e legitimidade, ela conta com os sinais visíveis da antiguidade, da perpetuidade e da universalidade.

### **A epistemologia educacional em Louis Gabriel de Bonald**

Louis de Bonald é considerado um dos principais teóricos do tradicionalismo francês. Analisando uma de suas principais obras, *Recherches de philosophiques sur les premiers objets de la connaissance morale*, 2º. Volume, Paris, 1853 vemos que os homens procuram sempre o princípio dos conhecimentos, a regra dos julgamentos e o fundamento dos seus deveres, isto é, a sabedoria e a ciência mediante a educação. Nessa obra, ele faz uma análise comparativa dos principais sistemas filosóficos contidos na história. A partir dela, afirma que os sistemas filosóficos só se justificam quando almejam e conseguem concretizar essa procura dos homens. O pensamento bonaldiano pode ser resumido assim: a palavra é anterior ao pensamento, porque é necessário falar para pensar. Portanto, com a capacidade intelectual, possui o dom da linguagem.

Homem, sociedade e linguagem vêm de Deus. Ele verifica que o verdadeiro sistema filosófico é aquele cujo princípio de conhecimentos tem seu ponto de partida claro: a revelação.

### **1) Da educação baseada no “inatismo virtual”**

A Escola de Lovaina procurou dar ao tradicionalismo uma sistematização filosófica pelos seus maiores expoentes: Arnold Tits e Gerard Casimir Ubaghs. Eles sustentam o “inatismo virtual” na origem da idéia, com o que os franceses concordam ao menos exteriormente. O inatismo virtual é sustentado assim: a influência extrínseca não é dada pela percepção sensível (Descartes), mas pelo comércio social. É a tese fundamental da Escola de Lovaina: “Os princípios das verdades racionais, metafísicas e morais foram depositados no espírito humano pelo Criador. (...), mas o homem tem a necessidade de um ensino intelectual para chegar ao conhecimento distinto de Deus e das verdades morais”.<sup>1</sup>

O inatismo é a filosofia segundo a qual existem conhecimentos ou princípios práticos não adquiridos com a experiência ou pela experiência. O modelo do inatismo é a filosofia platônica da “reminiscência” ou “anamnese”: “Como a alma é imortal muitas vezes e viu todas as coisas, tanto aqui como no Hades, nada há que ela não tenha aprendido: de modo que não espanta o fato de que possa recordar, seja em relação à virtude, seja em relação a outras coisas, o que antes sabia”.<sup>2</sup> Na verdade, em nossa índole, são inatas as sementes da educação que nos guariam a uma vida social ordenada e próspera.

### **2) Da educação justificada pelo conhecimento histórico**

---

<sup>1</sup> “Les principes des vérités rationnelles métaphisiques et morales on été mis dans l'esprit humain par le Créateur. Mais (...) l'home a besoin d'un enseignement intellectuel pour (...) acquérir une connaissance distincte de Dieu et des vérités morales” (LAFORÊT, N. J. *Dogmes catholiques*, I, Bruxelas, 1955, p. 467).

<sup>2</sup> Distinguímos aquisição e demonstração de uma verdade: “In moralibus et metaphisicis, spectato ordine acquisitionis (...), fides naturaliter prior est scientia, ut nemo ad hanc perveniat, nisi illa quomodocumque praecesserit; etsi in ordine demonstrationis, ex quo certitudo ratiocinata gignitur, scientia fidem antecedere solet” (BASADONA, Ernesto. *Enciclopedia Cattolica*, verbete: tradicionalismo).

Para justificar historicamente a educação, Bonald realiza um estudo histórico comparativo entre diversas épocas da história. Primeiramente, analisa o povo judeu, que jamais conheceu a filosofia no seu sentido específico, mas a viveu na sua autêntica tradição em que a revelação é básica. Afirma Bonald: “Certamente, Deus falou aos seus ancestrais e escreveu por seus descendentes. Esse povo procurou guardar na tradição dos seus livros sagrados, resumida no 'princípio dos conhecimentos' morais, o fundamento do poder, a regra dos deveres e o tipo, ao mesmo tempo, de todas as verdades morais” (BONALD, 1853, p. 4). A educação tradicional judaica justifica-se pelo ensino dos profetas e doutores moralistas e políticos em toda a sua história. A tradição judaica é, sem dúvida alguma, uma contribuição valiosa na filosofia da educação social. Seus conhecimentos foram compilados na Sagrada Escritura, comprovando a idéia da causa primeira e da origem das idéias na luz divina.

Por sua vez, Bonald analisa os povos primitivos e constata que eles não tiveram uma educação sistematizada; contudo, buscaram intuitivamente chegar ao Ser supremo e à sua natureza por meio de imagens tiradas da natureza física e antropológica. Foi um conhecimento onomatopéico, isto é, aprenderam com a natureza, por imitação dos animais e pássaros, a linguagem. Da sabedoria natural, deduziram a sabedoria sobrenatural. Cada tribo ou povo tinha seus deuses, donde auferimos a idéia de que viveram mitologicamente. Da diversidade dos seus caracteres culturais e dos seus costumes, os diversos povos chegaram à dedução de uma só divindade. Conseguiram isso mais na arte que na razão, mais nas tradições populares que na literatura, formando verdadeiras teogonias, cosmogonias e mitologias, verdadeiras imagens das verdades primeiras. Afirma Bonald que os conhecimentos primitivos parecem mais infantilidades para os racionalistas, mas são o ponto de partida genuíno do conhecimento histórico.<sup>3</sup>

Segundo Bonald, a expressão mais destacada da filosofia da educação encontra-se na filosofia grega. Na filosofia socrática, encontramos noções básicas de educação: a unidade de Deus criador, conservador e remunerador, e a imortalidade da alma. A sua educação deu ao gênero humano um código perfeito de epistemologia: a filosofia da “maiêutica” visando o conhecimento real da verdade no lema do “conhece-te a ti mesmo”. Platão proclama as “idéias

---

<sup>3</sup> “Les grecs cherchent encore la science et la sagesse que nous venons annoncer” (BONALD, L. G. 1853, p. 10).

inatas” colocadas pelo Ser supremo (Demiurgo) em nossa razão. Segundo Platão, conhecemos as idéias universais por reminiscência, isto é, por uma espécie de iluminação agostiniana. O que conhecemos conceitualmente é uma imagem do protótipo do que é em Deus. Para Platão, a alma é a causa do bem, enquanto a matéria é a causa do mal. Os mais elevados conhecimentos são expressões sobre Deus na sociedade. Aristóteles afirma que “não há nada no intelecto sem que antes passe pelos sentidos”. Não nega, contudo, o conhecimento espiritual. Para ele, temos quatro causas: formal, material, eficiente e final; e três princípios: a eternidade do mundo, a matéria primeira e o motor imóvel. Nesse conjunto de sistemas filosóficos analisados por Bonald, temos em comum como “princípio dos conhecimentos humanos” a existência da Causa primeira do universo, a origem das coisas, a distinção entre espírito e sentidos e o fundamento da moral e da sociedade (BONALD, 1853, p. 12).

Para Bonald, após a filosofia grega, temos no Cristianismo a maior expressão histórica da filosofia da educação e da afirmação dos valores morais. Os primeiros doutores do Cristianismo conciliam os seus dogmas com a filosofia grega. As idéias socráticas, platônicas e aristotélicas serviram de suporte epistemológico das verdades fundamentais cristãs. Desse modo, os cristãos não atacaram mais a filosofia, mas viram nela a matriz ideológica dos princípios educacionais cristãos. É parecer de Bonald que o Cristianismo se ocupou da educação dos povos durante séculos. Numa frase: encontramos nos “universais e nas categorias”<sup>4</sup> a universalidade dos conhecimentos humanos. As escolas cristãs estudaram os filósofos gregos com a disciplina rígida da lógica e da metafísica. Conseqüentemente, conseguiram se impor hegemonicamente durante toda a história da civilização ocidental. A lógica de Aristóteles ofereceu indispensável estrutura aos debates da educação tomista católica. Logo, a educação do Cristianismo ganhou credibilidade incontestável perante as denominadas filosofias pagãs ou agnósticas. Houve na civilização ocidental, graças a essa artimanha cristã, unidade de ensinamento filosófico nas diferentes Universidades e nas diversas nações. Pensa Bonald que foi devido ao Cristianismo, com a adoção do tomismo na educação, que tivemos a precisão das idéias e a concisão dos

---

<sup>4</sup> “Sicut res naturalis non deficit abesse quod sibi competit secundum suam formam, ita virtus cognoscitiva non debicit in cognoscendo respectu illius rei cuius similitudine informatur. Sicut sensus de sensibili proprio semper est verus, ita et intellectus in cognoscendo quod quid est” (Thomas I, q. 16, a. 2, et *Veritate*, I, a. 12 apud NASCIMENTO, S. F. *Teses morais do tradicionalismo do século XIX*, p. 36, nota de rodapé).

tratados filosóficos.<sup>5</sup>

Na modernidade, afirma Bonald, três grandes pensadores quiseram sucessivamente, no decurso do século XVII, executar uma reforma na educação: Bacon, na Inglaterra; Descartes, na França; e Leibniz, na Alemanha. Todos os três contribuíram com a mais fecunda filosofia da educação e nos deixaram o empirismo e o racionalismo do século XVII. Contudo, assevera Bonald que ficaram divididos entre si ao reformarem a educação na perspectiva particular de cada um.

Diz Bonald (1853, p. 14, nota de rodapé):

O autor de História comparada (*sic*) diz que Bacon ensina a conhecer melhor, Descartes a pensar melhor, Leibniz a deduzir melhor; mas saber bem, não é pensar e deduzir bem? Pensar bem não é outra coisa que saber bem, e pode se pensar e saber bem sem deduzir? Ora, parece-nos que essa distração é mais ingénua que sólida.

Devido ao fato de cada pensador ficar na sua cosmovisão individual, necessário se faz “reconstruir esse edifício filosófico”, propõe Bonald. Para isso, é preciso estudar a natureza, purificar tudo à luz da experiência e da observação dos fatos, como o fez Bacon. Epistemologicamente, ele colocou nos sentidos a origem das idéias e teve o mérito de assim ser considerado o Aristóteles dos tempos modernos. Para ele, a epistemologia gira em torno da experiência. Como antigamente em Aristóteles, hoje temos em Bacon métodos, classificações, terminologias e mesmo sutilezas. Com sua genial filosofia do conhecimento, Bacon pode ser considerado o pai da filosofia física.

Afirma Bonald que Locke, o mais célebre dos discípulos de Bacon, optou pelo empirismo, que poderia ser visto como materialismo, e duvida que a matéria possa receber a faculdade de pensar. Para Locke, as idéias são “sensações transformadas”. Portanto, nega o inatismo de Descartes na epistemologia educacional e compara o homem a uma “tábua rasa”, na qual se pode imprimir o texto que queira. Assim, todo conhecimento passa pelos sentidos para chegar às idéias mais profundas.

---

<sup>5</sup> “L'auteur de l'Histoire comparée dit que Bacon enseigne à mieux savoir, Descartes à mieux penser, Leibniz à mieux déduire; mais bien savoir, n'est-ce pas bien penser et bien déduire? Bien penser n'est autre chose que bien savoir, et peut-on bien penser et bien savoir bien déduire? Il me semble que cette distraction est plus ingénieuse que sólida” (BONALD, 1853, p. 14).

Para Bonald, o grande reformador da filosofia na França foi Descartes. Este começa por reformar os hábitos do seu espírito e, na epistemologia, parte da “dúvida metódica” combatendo a verdade dogmatista para chegar-se à evidência das idéias claras e distintas. Ele afirma o inatismo epistemológico. Segundo ele, as idéias já são inatas na pessoa humana. Ele adota o postulado de Platão sobre a origem das idéias. É o racionalismo moderno.

Por fim, vemos Immanuel Kant na análise comparativa feita por Bonald entre os diversos sistemas filosóficos. Kant anuncia uma revolução absoluta na filosofia da educação (é a “revolução copernicana” na educação). Analisando as idéias inatas do racionalismo e as idéias adquiridas pela experiência do empirismo, passando por todos os sistemas, Kant coloca o reino da “razão pura” e da filosofia “transcendental” como bases inquebrantáveis de todos os conhecimentos. Depois de Lutero, foi o mais célebre filósofo da educação na Alemanha, dando-nos uma filosofia do conhecimento que preconiza a liberdade absoluta dos seres humanos. Para Kant, os sentidos constituem-se em matérias-primas do conhecimento, mas conhecidos pelas leis internas da razão. Noutras palavras, a razão possui suas leis de conhecimento, pois elabora o que nos é apresentado pelos sentidos mediante conceitos de “espaço” e “tempo”.

No conjunto dos sistemas epistemológicos acima analisados, verificamos que os dois principais sistemas filosóficos são os do platonismo e do aristotelismo, dos quais nascem todos os sistemas derivados e secundários. A partir dessas duas afirmações, podemos dizer que a unidade cognitiva conta com os dados da inteligência e da matéria, da razão e dos sentidos, da alma e do corpo. Todos eles defendem com unanimidade o inatismo das idéias. Contudo, contam com a doutrina aristotélica que afirma a necessidade dos sentidos como primeiro passo para o conhecimento. Para uns, é na razão que nascem os grandes pensamentos, com origem sobrenatural, numa espécie de inspiração; para outros, é nos sentidos que surgem as idéias.

Bonald se pergunta: onde está o critério da filosofia da educação? Todos admitem o princípio da causalidade: “não há efeito sem causa”. Assim, a sua “História comparada dos sistemas de filosofia” (*sic*) não é, em última análise, mais do que a história das variações das escolas filosóficas. É uma espécie de tentativa de construção do sistema educacional sobre terra firme. Assim nós procuramos ainda a sabedoria e a ciência (da educação) que os gregos nos deixaram (BONALD, 1853, p. 28). Os homens, naturalmente independentes uns dos outros, governam-se pelo livre-arbítrio. Dessa forma, necessitam submeter-se “à autoridade da evidência

ou à evidência da autoridade” (BONALD, 1853, p. 28).

Noutras palavras, afirma Bonald (1853, p.32):

Vós começareis pela análise e vos elevareis de vossas sensações e da experiência dos fatos às idéias abstratas; vós associareis as idéias, vós as classificareis, vós as lereis, vós as generalizareis e vós tereis as idéias diretas e reflexas, adequadas e inadequadas, dos conhecimentos intuitivos, das percepções mediatas e imediatas, o senso moral, o instinto e a consciência de tudo mais. (...) Eu começo, em mim, pela síntese, e as idéias gerais se presenciam mais naturalmente ao meu espírito que vossas idéias gerais; meus pensamentos, quando me alegro, nascem no meu espírito, sem que eu atente e mesmo que os procure; eles se seguem e se preenchem um ao outro, sem que eu me ocupe de os ler ou de os associar.

No “princípio de nossos conhecimentos” nos envolvemos totalmente. Para fazer isso, temos que perceber, distinguir e classificar as diversas operações de nossa inteligência e de nossas sensações. Empreendemos uma pesquisa da verdade disciplinada à semelhança do que faz o artesão que entalha a matéria gerando a arte (BONALD, 1853, p. 32). Religião, moral, política, literatura, ciências, artes, a sociedade, o universo etc., tudo que está diante de nós são ricos e inesgotáveis materiais necessários à educação. A inteligência será fecunda enquanto exercita essa reflexão.

Diz Bonald (1853, p. 37):

Se o homem me fala em nome da Divindade, e que eu creio que ela tem dado as leis à sociedade para transmitir o conhecimento ao homem, eu suspendo meu julgamento e examino se os caracteres intrínsecos ou exteriores desta revelação pretendida são tais que eu devo crer nos dogmas e seguir os preceitos, pois a minha razão pode reconhecer, na inteligência suprema, o poder e os instrumentos de esclarecimento de minha razão particular e dirigir minhas ações. Mas se o homem me fala em seu nome, se ele vem impor ao meu espírito seus próprios pensamentos, eu estou no direito de lhe pedir com qual autoridade sobre mim e de onde tira a sua missão. (...) ninguém pôde à vontade se atribuir a sua origem.

Não nos devemos deixar levar pela eterna inconsistência e intermináveis divisões justificadas por alguns filósofos, pois temos a necessidade inquestionável de uma filosofia que seja aceita universalmente. A filosofia do consenso geral “é a ciência de Deus, do homem e da sociedade”. Esse conceito de epistemologia educacional proposto por Bonald abraça todas as ciências: as teológicas que nos reportam a Deus, as antropológicas que nos reportam ao homem em particular e as políticas que nos reportam à sociedade humana como um todo. Essa visão

epistemológica está de acordo com Aristóteles, que afirma ser a filosofia “a ciência de todas as coisas absolutas e necessárias”. Assim, na visão dos tradicionalistas do século XIX, a educação seria a busca de uma base certa para os conhecimentos humanos. Enfim, ela daria o critério infalível de discernimento da verdade diante do erro (BONALD, 1853, p. 39).

Esse critério seguro procurado por todos os filósofos requer uma pesquisa que seja uma reflexão paciente e metódica. O fato de os homens procurarem uma “reflexão paciente e metódica” durante séculos nos autoriza a reconhecer a riqueza da razão humana. Esse fato comprova-nos também que a razão humana nem sempre foi brilhante na epistemologia educacional, fazendo-nos reconhecer que ela não se contenta enquanto não encontrar a perfeição no processo cognitivo. Assim, a reflexão paciente e metódica deve servir de critério seguro e sério no caminho da verdade.

### **3) Da educação fundada nos fatos primitivos da linguagem**

Transcrevemos um trecho de *Recherches Philosophiques sur les premiers objets de la connaissance morale*, página 39, em que Bonald afirma a necessidade do dom primitivo:

Os fatos primitivos, diz M. Ancillon, ou as primeiras condições do pensamento, são a base que deu suporte ao edifício de nossos conhecimentos (...). Deve-se guiar até chegar a um fundamento sólido. Mas os filósofos, diz o autor citado, começam por admitir como um fato primitivo a experiência dos fenômenos intelectuais e dizem: o germe da ciência do homem é encontrado todo inteiro no fenômeno da consciência.

Podemos dizer, com Bonald (1853, p. 39), que os homens procuram esse fato primitivo do conhecimento humano na consciência humana e nas suas operações intelectuais. Ele é procurado somente no interior, e não no exterior da pessoa humana. Assim, os racionalistas acreditam encontrar na “evidência a razão suficiente, a razão pura, a consciência, a intuição, o conhecimento reflexivo, o senso moral, o senso comum etc”. Eles reduzem o conhecimento ao fato puramente intelectual. O fato primitivo fica, assim, obscuro porque nosso espírito seria impenetrável. Ficaria impossível dois homens estarem de acordo entre si plenamente. Por conseqüência, não temos dados suficientes para fundamentar uma certeza universalmente.

Por sua vez, os filósofos empiristas, na visão bonaldiana, procuram esse fato primitivo nos sentidos e na experiência das impressões deixadas pelos objetos exteriores sobre os nossos

órgãos. Mas eles não avançam muito porque não identificam ao menos a realidade de nossas sensações, restando sempre explicar como pode de uma sensação material vir uma noção intelectual ou como o espírito procede nas impressões recebidas do que está diante dos órgãos de nossos sentidos e que são transformadas em idéias. Por consequência, os empiristas recaem nos fatos intelectuais e no individual. Não explicam a transformação da sensação em idéia (BONALD, 1853, p. 46).

Segue-se que temos de buscar um fato primitivo sensível e exterior “a priori”, que sirva de princípio aos nossos raciocínios, de ponto de partida e de critério, enfim, da verdade. Segundo Bonald, esse fato primitivo existe nas ciências especulativas e práticas. Ele é lógico para as ciências como o “é a linha reta que é a mais curta entre dois pontos dados” de um movimento em linha reta. As ciências, como a zoologia, a botânica, a mineralogia etc., as observações, plantas, metais, animais etc. têm no fato primitivo as propriedades de suas procuras. A única vantagem que têm todas as ciências é a de começar por cada coisa evidente, exterior e universalmente conhecida. Elas devem comprovar a certeza de suas demonstrações, a autoridade de seu ensino e o progresso de suas descobertas.

Esse fato primitivo, para as ciências morais, deve ser não somente exterior. E, por consequência sensível, mas deve ser ainda moral ou estar ligado a coisas morais, pois deve servir de base à ciência dos seres morais humanos e de sua relação com Deus e com a sociedade. Afirma Bonald que o fato primitivo não poderia vir da razão individual, mas deveria ser buscado no homem exterior ou social, por assim dizer, na sociedade. Ele aparece como dom primitivo e necessário da “linguagem” dada ao gênero humano, questão fundamental de todas as questões educacionais. O homem tem necessidade da linguagem para viver na sociedade. O fato primitivo é, por sua vez, moral e físico, interior e exterior, para que a palavra seja a expressão do homem social. Esse fato é absolutamente primitivo e “a priori”, para que pudesse nos remontar ao mais alto nível e que foi começado com o homem na sociedade.

Esse fato primitivo deve ser absolutamente evidente e ser rigorosamente demonstrado pela epistemologia educacional. É o pressuposto para que o homem expresse suas idéias e possa idealizar as suas palavras. Por ele, o homem capacita-se para conviver na sociedade. Somos forçados naturalmente a admitir a necessidade das verdades primitivas pela linguagem humana em sociedade. Se nas ciências físicas não se podem admitir hipóteses gratuitas sem examinar

satisfatoriamente todas as condições do problema exposto, com maior razão tem que ser admitida a mesma condição na ciência moral com o dom (fato) primitivo da linguagem como indispensável na epistemologia educacional.

O primeiro desses fatos, o mais usual e popular, é o de que o homem fala à língua que aprende (a falar) e de que o mutismo não lhe é inerente, visto que ele está inserido na sociedade humana e que procura através da história, isto é, da tradição, transmitir sucessivamente a sua linguagem. Portanto, a linguagem foi o instrumento que o homem usou para transmitir aos semelhantes à educação. O segundo fato é que todas as pesquisas arqueológicas, sobretudo as mais recentes, demonstram a relação estreita entre grande número de línguas, entre as mais pobres e as mais eloqüentes de diversos lugares e tempos. Isso comprova a legitimidade da transmissão lingüística de uma geração à outra. Por aí, temos a admissão da existência de uma língua primitiva cognoscível como as línguas atualmente existentes.

A diferença entre as variadas línguas existentes na história e no mundo está apenas na sua articulação. Não podemos rejeitar a suposição de uma origem comum das línguas modernas. Em síntese, podemos dizer que a diversidade das línguas deve-se ao modo diferenciado de sua transmissão nas diversas culturas ou tradições, ora evoluindo mais aqui que ali a sua articulação, mais numa cultura que em outra. Deus deu ao homem primitivo a linguagem e a capacidade do conhecimento da linguagem, tendo recebido a capacidade de aprender e ensinar, e não a de inventar, pois essa capacidade da invenção estaria em contradição formal com as leis de sua constituição nativa e os preceitos de sua inteligência, e que não pode mais inventar a arte de falar e a arte de pensar. De fato, admitimos a existência de um Ser soberanamente bom e poderoso que não poderia deixar faltar aos seres humanos, essencialmente inteligentes, por muitos séculos, o recurso da linguagem como expressão de seu amor divino. Por sua vez, admitimos uma evolução na articulação da linguagem humana oral e escrita, fazendo com que ela fosse um instrumento de aprimoramento da arte, da cultura etc. Assim, cremos na existência de Deus doador da capacidade lingüística. É absolutamente necessário na teoria da educação explicar a lingüística a partir de Deus.

A linguagem humana precisa ser ensinada devido ao fato de o homem ser essencialmente social. A criança aprende a falar com a mãe, com o pai, com os irmãos e com os vizinhos, por exemplo. Depois, aperfeiçoa-a na escola e na sociedade. A linguagem é uma necessidade

absoluta para a sociedade como é para o homem a necessidade de comer e dormir. O homem aprendeu a falar tendo recebido primitivamente a palavra de um Ser superior a ele em idade e sabedoria, anterior à espécie humana e à sua inteligência (BONALD, 1853, p. 47). A procura da prova da existência da inteligência suprema nas operações da razão do homem, superior à sua organização corporal, tão maravilhosa que é, está na sua alma por ser o homem “feito à imagem e semelhança da divindade”, que lhe confere o poder participar de algo de seu protótipo.

Noutros termos, assevera Bonald (1853, P. 53):

A Causa primeira e seus atributos de poder, de ordem, de sabedoria, de justiça, de inteligência, a existência dos espíritos, a distinção do bem e do mal são verdades gerais, universais, morais, sociais, divinas, eternas (palavras todas sinônimas), para que nosso espírito pudesse figurar o objeto diretamente e em si mesmo sobre alguma imagem; para que pudesse receber alguma sensação; para que essas verdades fossem abordadas nos lugares e tempos e fossem os fundamentos de toda ordem e a razão de toda sociedade.

Nós as reencontramos naturalmente todas na sociedade à qual nós pertencemos e é ela que nos transmite o conhecimento e no-lo comunica pela língua que ela fala, e onde se encontram todas as suas expressões e, por conseqüência, todas as idéias que ela pode ter relativamente à sua idade, à sua constituição e ao seu progresso. Porque um povo, moral e fisicamente, pode ter mais conhecimento e mais expressões do mesmo que outro povo. Mas todos os povos têm seu conhecimento próprio, as idéias de seu ser e de sua existência relacionadas à vida presente, contando com todas as benfeitorias passadas e atuais da civilização e do progresso da sua indústria.

### **Considerações finais**

Bonald possui uma visão romântica da educação. Para ele, a sociedade é a guardiã fiel e perpétua do depósito sagrado das verdades fundamentais. Por isso, deve comunicar aos seus membros mais jovens, na medida em que eles entram na sociedade, toda a cultura acumulada na sua história da humanidade mediante a educação de qualidade. O segredo da sua prosperidade estaria na educação aos mais simples e menos instruídos, como os jovens e as crianças. A educação é vital para a sociedade. Desde cedo, o homem precisa da educação e deve levar em conta seus três passos: a família, a escola e a sociedade. A religião deve perpassar todos os três níveis da educação. Deus, o autor da natureza humana e da sociedade, quis nos comunicar a

beleza da harmonia inicial.

Se o pressuposto do primitivo da linguagem prova a causa primeira, se ela explica o homem e suas idéias e dá um princípio certo de nossos conhecimentos, ela é a base sólida da sociedade e de suas leis. Com efeito, podemos afirmar que a linguagem foi dada a uma primeira família por uma causa primeira superior ao homem em inteligência, como fato primitivo; e, como consequência natural, houve uma transmissão da revelação primeira, feita à sociedade, transformando-se em leis a serem sempre assumidas. Essa legislação primitiva é denominada “expressão física da vontade de Deus”. Sem dúvida, a linguagem que expressa sempre as idéias úteis aos homens ou necessárias à sociedade, governo físico de Deus na terra, não pode ser dada aos primeiros homens pela via dos sentidos.

Segundo Bonald, todas as sociedades são unânimes em aceitar o dom primitivo da linguagem, de terem elas semelhantes revelações e códigos de leis inspirados promovendo o bem comum, digno da atenção filosófica e conservado no universo. Aí se encontra o critério público e social para distinguir a verdade do erro. É suficiente comparar os diversos povos para constatar a evidência dessa verdade fundamental. Por exemplo, os povos judeu e cristão nos apresentam como revelação uma legislação comum, e a mais antiga que se conhece, o Decálogo (*Ex 20,1-17*). Ela é reconhecida como dom primitivo à sociedade e que foi desenvolvida na educação judaico-cristã. Os povos judeu e cristão justificam a divindade dessa revelação como força indestrutível de estabilidade durante a história sagrada.

Por sua vez, Bonald afirma que o homem, quando veio ao mundo, procurou se estabelecer na sociedade tendo como princípio a crença de um Deus criador, legislador, remunerador e vingador, a distinção de justo e injusto, de bem e de mal moral. Enfim, se a razão humana social orienta a nossa razão pessoal, a razão de cada um de nós é uma faculdade nobre e preciosa; se a razão humana social é luz que esclarece e autoriza nosso governo, nossa autoridade é mais possante, é luz mais esclarecedora, porque a razão universal é a razão de todos os povos e de todas as sociedades, é a razão de todos os tempos e lugares. Deus é visto como nossa alma e nossa vida de tal maneira que a fé resume o “nosso ser feliz” como decorrência das nossas virtudes.

## **Referências**

BASADONA, Ernesto. Tradizionalismo. In: CIPRIANI, Settumio. **Enciclopedia Cattolica. Ente per L'Enciclopedia Cattolica e per Il Libro Cattolico**. Firenze: Casa Editrice G. C. Sansoni, 1954.

BONALD, M. de. **Recherches philosophiques. Sur les premiers objets des connaissances morales**. Paris: Librairie d'Adrien Le Clere, 1853.

LAFORÊT, N. J. **Dogmes catholiques**, I, Bruxelles, 1955.

NASCIMENTO, Sílvia F. **Teses morais do tradicionalismo do século XIX**. Londrina: Humanidades, 2004.

RAULICA, Joaquim Ventura de. **La tradition et les semi-pélagiens de la philosophie ou le semi-rationalisme**. Paris: Gaume Frères, 1856.

**The epistemology of traditional education on the vision of Lois Gabriel Ambroise de Bonald (1754 – 1840): some essential aspects for actual general teaching.**

**Abstract:** This article deals with the epistemology of traditional educational science according to Bonald's view. It postulates an education based on the divine light that was revealed in the beginning of human life, and transmitted through history. Education occurs by means of oral and written language in society. In the presence of the new ideals proposed by the French Revolution, traditionalism appears as a philosophical system that aims at protecting the thousand-year old European culture. The 19th century was fecund for the appearance of sciences as a consequence of Enlightenment in the previous century. The essence of this way of thinking may be thus formulated: revelation is necessary for man to grasp the fundamental truths of metaphysical, ethical, and social nature. The transmission ('traditio') of these truths is essential for human society.

**Keywords:** traditionalism – revelation – innateness – language – education